

A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NA FALA DE UMA UNIVERSITÁRIA CAPIXABA: UMA ANÁLISE BASEADA NO ESTILO

Lilian Coutinho Yacovenco*

Caroliny Batista Massariol*

Resumo: No presente estudo, por meio de uma análise baseada no estilo, observamos uma variável abaixo do nível da consciência social, a variação da expressão do sujeito pronominal, em diferentes situações comunicativas de uma jovem universitária: assembleia geral estudantil da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), reunião de uma força política estudantil no *campus* de Goiabeiras, reunião de uma força política estudantil no *campus* de Alegre e uma conversa informal entre amigos. Utilizamos como base deste estudo os apontamentos de Bell (1984) acerca da variação estilística; os estudos de Paredes Silva (1988, 2007) e de Duarte (1993, 1995, 2003), sobre a variação da expressão do sujeito pronominal; os estudos de Labov (2008 [1972], 2001), referentes à variação e mudança linguística; e de Guy & Zilles (2007), sobre o pacote de programas Varbrul. Verificamos que a variável estilo é relevante para o uso do sujeito pronominal explícito: quanto maior intimidade e interação entre a falante e a audiência, maior presença de sujeitos explícitos. Assim, em uma conversa informal entre amigos, o uso de sujeitos explícitos foi de 89,7%, ao passo que, na assembleia geral de estudantes da Ufes, foi de 55,0%.

Palavras-chave: Variação estilística. Variação do sujeito pronominal. Situação comunicativa.

Abstract: Based on style, we analyze the variation of the pronominal subject – that is a variable considered a change from below – in different communicative contexts: Espírito Santo Federal University (Ufes) students general assembly, a meeting of a student political force at Goiabeiras *campus*, a meeting of a student political force at Alegre *campus*, and an informal conversation among friends. We based our study on Bell's research (1984) about the stylistic variation; on Paredes Silva's (1988, 2007) and Duarte's studies (1993, 2003) about the variation of the pronominal subject; on Labov's studies (2008 [1972], 2001) about linguistic variation and change, and on Guy & Zilles (2007) considerations about Varbrul, the statistic program used in our research. We verified that the stylistic variable is relevant to the use of overt subjects: the more personal the interaction between the speaker and the audience is, the greater is the use of overt subjects in the speech. In a casual conversation among friends, the use of overt subjects was 89.7%, while in Ufes' students general assembly, it was 55.0%.

Keywords: Stylistic variation. Pronominal subject variation. Communicative context.

* Professora Doutora da Universidade Federal do Espírito Santo. Para contato: lilianyacovenco@yahoo.com.br

* Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Para contato: carolinybmassariol@gmail.com

Introdução

No presente artigo, buscamos verificar, sob a perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança (Labov, 2008 [1972]), se o fenômeno relativo à expressão do sujeito pronominal sofre influência da variável estilo. Para isso, procuramos observar se houve mudanças na fala de uma jovem universitária de acordo com quatro eventos comunicativos[†] de que participou: (1) assembleia geral estudantil da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, (2) reunião de uma força política estudantil no *campus* de Goiabeiras – sede da universidade, (3) reunião de uma força política estudantil no *campus* de Alegre, localizado no sul do Espírito Santo e (4) uma conversa informal entre amigos. Procuramos, então, observar se as mudanças quanto à expressão do sujeito pronominal na fala de uma universitária capixaba estão vinculadas aos níveis de intimidade e interação entre a falante e sua audiência.

W. Labov, um dos teóricos mais conhecidos na área da variação e mudança linguística, afirma que a variação social e estilística atua fortemente sobre a mudança linguística. Para o autor, “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.” (Labov, [1972] 2008, p.313).

Observamos, a partir dessa perspectiva teórica, que o surgimento de novas variantes está vinculado à significação social que cada uma venha a ter. Ainda segundo Labov (1994, p. 78), há variáveis que estão acima do nível da consciência (*changes from above*), relacionadas aos níveis de avaliação social e às posições dos falantes na hierarquia socioeconômica. Este é o caso, por exemplo, da concordância nominal ou verbal no português brasileiro (doravante PB).

Outras variáveis linguísticas, como a expressão do sujeito pronominal, não são conscientemente notadas pelos falantes, estando, dessa forma, abaixo do nível da consciência (*changes from below*). Segundo Labov (1994, p. 78)[‡],

mudanças abaixo do nível da consciência são mudanças sistemáticas que aparecem inicialmente no vernáculo, e representam uma operação de fatores internos,

[†] Na seção relativa ao *corpus* analisado, explicitaremos mais detalhes sobre cada uma das gravações.

[‡] “*Changes from below* are systematic changes that appear first in the vernacular, and represent the operation or internal, linguistic factors. At the outside, and through most of their development, they are completely below the level of social awareness”.

linguísticos. Socialmente, na maior parte de seu desenvolvimento, são completamente abaixo do nível da consciência social. (Tradução nossa).

De acordo com diversos autores, entre eles as pesquisadoras Paredes Silva (1988) e Duarte (1995), a expressão do sujeito pronominal no português brasileiro (PB) passa por mudanças: o predomínio da ausência do pronome, cede lugar, nos dias atuais, ao uso mais frequente de sujeitos pronominais expressos. Entendemos que esse fenômeno, mesmo abaixo do nível da consciência, está sujeito, conforme apontaremos adiante, a diferenças quanto à situação discursiva.

O fenômeno em pauta também é descrito pela tradição gramatical, que registra a preferência por sujeitos pronominais nulos, expressos apenas pela desinência número-pessoal. Entretanto, conforme a própria tradição gramatical postula, há possibilidade de preenchimento em casos específicos: (1) dar ênfase à pessoa do discurso; (2) evitar ambiguidades e (3) opor às pessoas gramaticais.

Posto isso, este artigo está organizado em seis partes: (1) a visão da tradição gramatical; (2) estudos sociolinguísticos a respeito da expressão do sujeito pronominal; (3) a perspectiva teórica do artigo; (4) metodologia de pesquisa; (5) análise dos resultados e, por fim, (6) considerações finais.

A visão da gramática tradicional

Conforme visto na introdução, para a tradição gramatical, o sujeito pronominal só deve ser preenchido em casos específicos: (1) para dar ênfase à pessoa do discurso, (2) evitar ambiguidade e (3) opor às pessoas gramaticais. Conforme veremos a seguir, para a tradição gramatical, a expressão nula do sujeito pronominal é considerada a de maior frequência.

Para evidenciarmos esta posição, observamos as considerações de alguns gramáticos. Rocha Lima (2011) afirma que o uso mais comum do sujeito pronominal é o elíptico, tendo em vista que as desinências verbais são suficientes para que se reconheça o sujeito da sentença. O autor, no entanto, ressalta que o sujeito pronominal pode ser expresso em casos de ambiguidade ou de ênfase:

Por serem explícitas nossas desinências verbais, é comum a elipse do sujeito pronominal: “- Queres talvez que vá acordar Carlos, para que me faça o favor de aceitar minhas prendas?” (JÚLIO DINIS). Quando o sentido não distingue, evite-se a ambiguidade pela expressão do sujeito; tal se dá entre as formas da 1ª e 3ª pessoas

do singular do imperfeito, e do mais-que-perfeito do indicativo; futuro do pretérito; presente, imperfeito e futuro do subjuntivo, e infinitivo pessoal: lia, lera, leria, leia, lesse, ler. A ênfase, o vigor da expressão, frequentemente querem o sujeito expresso (Rocha Lima, 2011, p. 395).

Portanto, para esse gramático, o preenchimento do sujeito pronominal só pode acontecer em casos específicos: para evitar ambiguidade e para dar ênfase.

De acordo com Evanildo Bechara (2009, p.592):

[...]. Não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico, já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se tratar da “elipse” do sujeito, mas do “acréscimo” de expressão que identifique ou explicita a que se refere o sujeito gramatical mediante os pronomes de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural.

Para Bechara, então, não é preciso preencher a expressão do sujeito pronominal quando há indicação pela desinência verbal, portanto, os sujeitos cujas formas verbais são relativas aos pronomes *eu, tu, nós* e *vós* não precisam ser preenchidos. O autor assinala, ainda, que só é a necessidade do próprio texto que aponta para o preenchimento de um sujeito que já tenha sido mencionado.

Também Cunha & Cintra (2001) afirmam que a presença da expressão do pronome sujeito deve ocorrer apenas em casos específicos, que são:

[...] a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito:
[...] b) para opor duas pessoas diferentes [...] c) quando a forma verbal é comum à 1ª e à 3ª pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco. (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 283).

Com essas referências, notamos que a tradição gramatical aponta que o uso mais comum é a expressão nula do sujeito pronominal. É importante ressaltar que essa tradição se baseia em textos literários, em sua maioria de tempos passados, quando não havia ocorrido a mudança no sistema pronominal com o acréscimo dos pronomes *você, vocês* (2ª pessoa) e *a gente* (1ª pessoa do plural). Nos dias atuais, tanto na escrita quanto na fala do PB a expressão

preenchida do sujeito pronominal tem sido cada vez mais utilizada. A ênfase e a ambiguidade, mencionadas pela tradição gramatical como favoráveis à expressão explícita do sujeito, também se mostram relevantes nas pesquisas de Paredes Silva (1988, 2007) e Duarte (1993, 2003).

Estudos sociolinguísticos sobre a expressão do sujeito pronominal

Nosso objeto de estudo, como já explicitado, é a expressão do sujeito pronominal, que pode se comportar de dois modos: (1) presente/preenchido, como em “*eu* gastei mais minha fala” (exemplo retirado do *corpus*, extraído da situação comunicativa relativa à uma reunião de uma força política realizada em Alegre); ou (2) ausente/nulo, como em “ \emptyset falei pra ela o negócio do cárcere” (exemplo retirado do *corpus*, fala na assembleia geral estudantil da Ufes).

Usamos como base de nosso estudo outros trabalhos, especialmente os de Paredes Silva (1988, 2007) e os de Duarte (1993, 2003).

Paredes Silva (1988) analisou setenta cartas de cunho informal, escritas entre 1979 e 1984, por quarenta e dois informantes. Neste estudo, a autora constatou que, no que tange à expressão pronominal, o português brasileiro passa por mudanças: o sujeito nulo/não expresso dá espaço à expressão preenchida explícita do sujeito. Para sua análise, Paredes Silva considera separadamente as três pessoas discursivas, uma vez que apresentam comportamentos distintos. Entre as variáveis sociais analisadas - idade e sexo do emissor -, somente a idade mostrou-se relevante nas ocorrências de primeira pessoa: os jovens usam mais pronome sujeito explícito. Segundo a pesquisadora, os jovens apresentam esses resultados por serem mais espontâneos e aproximarem mais a escrita da fala. Entre as variáveis linguísticas, destacaram-se a ambiguidade e a ênfase, corroborando, de certa forma, da tradição a descrição gramatical. A variável ênfase foi selecionada para os pronomes de primeira e segunda pessoa. Assim, o sujeito pronominal explícito ocorreu, preferencialmente, quando havia construções mais enfáticas. Cabe ressaltar que Paredes Silva apresenta marcas formais para considerar uma construção como mais enfática, diferentemente do que é exposto pela tradição gramatical, que apresenta de modo pouco preciso o conceito de ênfase. A variável ambiguidade, por sua vez, foi selecionada em todas as pessoas gramaticais. Paredes Silva (1988) também notou que a animacidade do sujeito exerceu forte condicionamento no preenchimento dos pronomes de 3ª pessoa: os referentes animados favoreceram à expressão de pronomes sujeitos. Outro ponto verificado foi que “quanto mais estreita a ligação do que se diz numa oração com o que se disse na precedente, também menor a necessidade de um

sujeito expresso.” (PAREDES SILVA, 1988, p.298). É importante destacar que esse é um ponto inovador da análise de Paredes Silva, uma vez que, diferentemente de trabalhos anteriores que se preocupavam apenas com a mudança de referente, a autora passa a considerar que há outros fatores envolvidos, que são relativos à conexão discursiva entre as formas. A autora propõe seis graus de conexão discursiva, que estão relacionadas à mudança de referente, mas, também, aos tempos verbais utilizados na sequência discursiva e à distância entre os referentes.

Em 2007a, Paredes Silva dá continuidade a seus estudos, observando a expressão do sujeito pronominal em gêneros textuais diversos do domínio jornalístico e na fala. Verificou que a mudança acontece de forma distinta na fala e na escrita, sendo a fala mais propícia à expressão preenchida do sujeito pronominal do que a escrita. No que se refere à escrita, constatou que há diferenças relativas aos gêneros textuais, como cartas de leitores, crônicas, notícias e artigos de opinião. Em uma escala baseada na expressão do sujeito pronominal, constatou que há mais presença de sujeito pronominal em cartas de leitores, crônicas, notícias, o artigo de opinião, sendo este o gênero que mais desfavorece a expressão preenchida. Além disso, Paredes Silva menciona que o processo de mudança linguística da expressão do sujeito pronominal se dá devido à mudança do próprio sistema pronominal, já que a inserção de *você* e *a gente* altera a relação entre pessoa pronominal e flexão do verbo.

Duarte (1993) analisou o sujeito pronominal em trechos de sete peças de teatro de cunho popular escritas entre os séculos XIX e XX. Neste estudo, constatou que o preenchimento do sujeito passa a ser cada vez mais empregado por conta da simplificação das formas flexionais no paradigma verbal do PB. Duarte (2003) realiza outra pesquisa sobre o fenômeno na fala carioca sob a perspectiva de tempo real, tendo constatado que o preenchimento do sujeito pronominal começa a mostrar uma estabilidade no espaço temporal abarcado no período de 1980 a 2000. Segundo a autora, esta mudança ocorre de forma lenta em terras cariocas.

Vale salientar que tanto os estudos de Paredes Silva quanto os de Duarte não foram baseados em uma variável estilística, porém nos mostram possíveis análises, uma vez que estudaram o mesmo fenômeno linguístico sob outra ótica.

A variação estilística

Conforme já afirmado, o fenômeno linguístico aqui abordado não possui estigma social, nem é objeto de atenção por parte de falantes ou interlocutores. Entretanto,

gostaríamos de verificar se fenômenos abaixo da consciência social, como é o caso do maior ou menor preenchimento do sujeito pronominal, são passíveis de estratificação estilística.

Segundo Labov, as variáveis linguísticas são passíveis de significação social, podendo ser objeto de avaliação linguística ou não. De acordo com Labov (1994, p. 78)[§],

Algumas variáveis são tópicos explícitos de comentários sociais, e apresentam tanto correção quanto hipercorreção (*estereótipos*); outras não se encontram no mesmo nível de consciência social, mas apresentam estratificação social e estilística consistentes (*marcadores*); há, ainda, [um terceiro grupo de variáveis], que jamais são comentadas ou mesmo reconhecidas por falantes nativos, contudo são diferenciadas apenas em seus graus relativos de avanço entre os grupos sociais iniciantes. (Tradução nossa).

A consciência linguística de uma variável está relacionada a estágios da mudança linguística. Em mudanças abaixo do nível da consciência, caso da variável aqui estudada, jamais há comentários sobre as variantes. Segundo Labov (1994, p. 78), os falantes começam a ter consciência sobre a mudança apenas quando já está praticamente completa. No caso da expressão do sujeito, há uma mudança, que não nos parece estar completa, daí permanecer abaixo do nível da consciência dos falantes.

Na análise da variável estilística proposta, observamos diferentes eventos comunicativos vivenciados por uma falante jovem, de nível universitário. Estes eventos podem ser entendidos a partir de diversos aspectos: o ambiente em que a falante estava, o grau de intimidade entre a falante e a sua audiência, e o assunto falado. As gravações, autorizadas pela universitária, diferem-se das entrevistas tipicamente labovianas, uma vez que não há uma entrevista propriamente dita, mas, sim, diversas eventos comunicativos gravados por uma pessoa próxima à falante. É importante ressaltar que a universitária tinha conhecimento das gravações, porém não sabia qual seria o momento exato em que cada uma se daria. Imaginamos que, dessa forma, poderíamos captar, conforme expresse acima, um *continuum* estilístico que é marcado pelo grau de intimidade entre a falante e a sua audiência. Registramos situações que se diferenciavam quanto ao grau de interação e intimidade entre os falantes, havendo algumas situações mais íntimas e outras, mais distantes.

[§] “Some variables are the overt topics of social comment and show both correction and hypercorrection (*stereotypes*); others are not at the same high level of social awareness, but show consistent stylistic and social stratification (*markers*); still others are never commented on or even recognized by native speakers, but are differentiated only in their relative degrees of advancement among the initiating social groups (*indicators*).

Muitos estudiosos têm proposto modelos de análises estilísticas, podendo-se destacar três vertentes: (1) a variação estilística com o foco no grau de atenção prestado à fala, proposta por Labov (2001); (2) a variação estilística baseada na audiência (*audience design*), proposta de Alan Bell (1984); (3) a variação estilística baseada nos diferentes *papéis sociais* assumidos pelo falante em uma situação comunicativa, proposta encampada por Penelope Eckert (2001).

Em entrevistas sociolinguísticas, seguindo a proposta de W. Labov sobre estilo de fala, é possível que se captem estilos diferenciados de acordo com o monitoramento linguístico do entrevistado. Sendo o centro de sua análise a mudança, Labov observa que a entrevista sociolinguística, apesar de não captar necessariamente o vernáculo, permite que se verifique a estratificação social e estilística envolvidas no processo de mudança. Labov propõe, então, um *continuum* estilístico relacionado à atenção prestada à própria fala. Assim, nas entrevistas, de um lado tem-se uma fala menos monitorada, denominada casual, e, de outro, a fala mais monitorada, mais cuidada. Assim, em variáveis acima da consciência social, o grau de monitoramento da fala deve atuar para o uso de variantes de maior prestígio social.

É importante observar, de acordo com Gorski e Valle (2014, p. 67), que a variação estilística na concepção laboviana é intrafalante, além de possuir um caráter psicológico, já que está ancorada na atenção que o falante dá à sua própria fala.

Na análise proposta nesse artigo, centramo-nos no modelo elaborado por Alan Bell (1984). Desse modo, o foco está na audiência, ou melhor, na interação entre o falante e seu público-alvo. Esse modelo considera que o falante, ao organizar seu discurso, o molda de acordo com seu público-alvo/destinatário, seu ouvinte. Entretanto, a audiência não é somente o destinatário (segunda pessoa, com quem se fala), mas, também, outras pessoas (terceiras pessoas), presentes ou não na situação comunicativa. Verifica-se que, em conformidade com esta proposta, os interlocutores são obrigatoriamente conhecidos, porém os participantes podem ou não ser relevantes para a situação comunicativa, podem ou não estar presentes.

Bell (1984, p. 159), ao tratar da hierarquia dos atributos e papéis da audiência (*audience roles*), propõe quatro tipos de participantes:

- (1) *interlocutores (addressee)*: destinatários que são conhecidos, com participação relevante e a quem a fala é dirigida;
- (2) *ouvintes diretos (auditors)*: destinatários conhecidos, cuja participação é relevante, mas a quem o emissor não se dirige diretamente;

(3) *ouvintes indiretos (overhearer)*: destinatários cuja participação não é relevante, mas de quem o emissor tem consciência de sua presença no evento comunicativo;

(4) *“bisbilhoteiro” (eavesdropper)*: destinatários cuja participação não é relevante e de quem o emissor não tem consciência.

Podemos resumir a proposta de A. Bell no quadro abaixo:

Tipo de audiência	Conhecido (Known)	Participação relevante (ratified)	Fala dirigida (addressed)
Interlocutor (addressee)	+	+	+
Ouvinte direto (auditor)	+	+	-
Ouvinte indireto (overhearer)	+	-	-
“bisbilhoteiro” (eavesdropper)	-	-	-

Fonte: Bell, 1984, p. 160, Tabela 3.

Notamos, portanto, que na proposta de Bell (1984) o centro da análise está baseado na relação entre o emissor e sua audiência, seja ela diretamente envolvida na situação comunicativa ou não. Segundo Bell (1984, p. 158),

frequentemente na interação a distância física entre os membros da audiência coincide com o distanciamento dos papéis atribuídos à audiência, sendo o interlocutor fisicamente mais próximo e o “bisbilhoteiro”, mais distante. Certamente os papéis da audiência são atribuídos pelo falante, e seu grau de saliência para o design estilístico do falante está geralmente relacionado à distância envolvida nos papéis atribuídos. (Tradução nossa)**.

Dessa forma, é fundamental que se observe o efeito gerado não apenas pelos interlocutores, mas, também, pelos ouvintes diretos e indiretos, pois fazem parte da consciência de quem fala, fato esse que pode acarretar mudanças estilísticas. O emissor

** “Often in an interaction, the physical distance of audience members from the speaker coincides with their role distance, with addressee physically closest and eavesdropper farthest away. Certainly, audience roles are assigned by the speaker, and their degree of salience for the speaker’s style design is generally relative to role distance”

modela sua fala com o intuito de se identificar com o grupo social com quem interage, de modo a obter sua aprovação.

De acordo com Gorski e Valle (2014, p. 71), na concepção de A. Bell, a variação estilística é, assim como para W. Labov, intrafalante, contudo possui um caráter interacional, já que está baseada na relação entre emissor e audiência. É possível notar que, na proposta de Bell, a variação estilística tem um caráter responsivo, já que se centra nas “respostas” que o emissor dá em função de sua audiência.

A terceira proposta sobre a variação estilística tem em Penelope Eckert (2001) um dos principais nomes. Essa vertente postula que a variação estilística está centrada nos papéis sociais que os falantes exercem em situações comunicativas, numa abordagem construcionista social, que se caracteriza por dar ao falante a agentividade da situação linguística, uma vez que o falante tem na fala a possibilidade de construir sua identidade e transformação da realidade. D. da Hora e L. Wetzels (2012, p. 165) afirmam, segundo essa abordagem, que o estilo é uma prática, isto é “uma atividade em que as pessoas criam o significado social, o estilo é a manifestação visível do significado linguístico”.

Metodologia

Em nossa pesquisa, gravamos uma mulher universitária de 22 anos de idade em quatro diferentes situações discursivas, transcrevemos os dados de áudio, e, posteriormente, codificamos os dados relativos à expressão do sujeito pronominal. Dessa forma, analisamos a variável dependente (presença e ausência do sujeito pronominal) e duas variáveis independentes: os pronomes pessoais (*eu, você, ele/ela, nós, a gente, vocês, eles/elas*) e a situação comunicativa envolvida na gravação (assembleia geral estudantil da Ufes, reunião de uma força política estudantil no *campus* de Goiabeiras, reunião de uma força política estudantil no *campus* de Alegre e uma conversa informal entre amigos).

As gravações tiveram o consentimento da falante. Quem as realizou era uma pessoa próxima à universitária, de quem era amiga há três anos, tendo convívio social, inclusive, sendo participativa das situações comunicativas gravadas, em sua maioria compostas de falas do movimento estudantil. Sendo assim, a falante não via a pesquisadora como uma estranha, mas, sim, como uma pessoa que também participava do movimento estudantil. Ressaltamos que a universitária, no entanto, não sabia em quais ocasiões seria gravada. Após as gravações,

as falas foram transcritas e, posteriormente, a transcrição foi apresentada à universitária, que autorizou seu uso para fins de estudo linguístico.

Posto isso, fizemos os procedimentos mencionados e, posteriormente, realizamos a codificação dos dados e sua interpretação linguística, com base nos resultados linguísticos e estatísticos. Para codificação dos dados, utilizamos o programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), versão do pacote Varbrul para o ambiente Windows. O Goldvarb X é parte do Pacote Varbrul, que é “um conjunto de programas de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística.” (Guy; Zilles 2007, p.105). Ainda sobre o programa Varbrul, Guy & Zilles (2007, p. 105) salientam que:

[...] mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente”. [...] O programa também permite ao pesquisador testar várias hipóteses possíveis sobre a natureza, o tamanho e direção dos efeitos das variáveis independentes.

Esta ferramenta de análise estatística nos fornece resultados que nos possibilitam analisar os contextos que favoreceram e desfavorecem o preenchimento do sujeito pronominal. Guy & Zilles (2007, p. 211) ressaltam que a análise baseada em pesos relativos é multivariada ao passo que a baseada em percentuais é em um cálculo univariado.

Os pesos calculam os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes e resultam de uma análise multivariada. O efeito, assim calculado, pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo

Esse programa computacional é muito importante para a geração de resultados estatísticos, porém é de competência das/dos pesquisadoras/pesquisadores da área a interpretação dos resultados com base nas hipóteses e nas informações que possuem acerca do material de análise. Vale, então, ressaltar, em consonância com Scherre e Naro (2003, p. 162), que:

(...) os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista. (...). Nunca é demais repetir que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode nos auxiliar a entender um pouco mais o comportamento de fenômenos linguísticos

Análise dos resultados

Antes da apresentação de nossos resultados, explicitaremos mais detalhadamente as situações comunicativas em que a falante foi gravada. Conforme anteriormente afirmado, a universitária havia concordado com a gravação de suas falas, porém, não sabia o momento exato em que estava sendo gravada.

Gravamos quatro situações comunicativas, sendo um formado por uma audiência diversa (assembleia geral estudantil da Ufes em Goiabeiras, sede da universidade), dois contextos com públicos-alvo um pouco mais familiarizados (reuniões internas de um grupo político da Ufes em Goiabeiras e Alegre) e um constituído de pessoas mais íntimas da falante (conversa entre amigos mais íntimos). A gravação de situações comunicativas diversas possibilitaria a verificação de uma variável abaixo do nível de consciência ser passível a estratificação estilística. Assim, teríamos um *continuum* estilístico, em que a conversa entre amigos seria a situação de maior proximidade entre os interlocutores e a assembleia seria a de maior distanciamento.

Como a expressão do sujeito pronominal é um fenômeno abaixo do nível da consciência, não estaria, portanto, sujeito a avaliações por parte da falante. Diferentemente de outras variáveis linguísticas, como a concordância nominal ou verbal, ou, ainda, o uso de pronomes de 2ª pessoa, a expressão do sujeito pronominal não passa pela percepção do falante, sendo, dessa forma, uma variação bastante interna ao sistema linguístico. Sendo assim, imaginamos que o sujeito pronominal preenchido ocorreria da forma semelhante em todos os contextos ou, ao menos, não haveria diferenças muito grandes em seu uso. No entanto, os resultados obtidos contrariaram nossa hipótese inicial.

Nos termos de Labov (1994, p.78), conforme apontado na seção relativa à variação estilística, a variável aqui estudada não se enquadra como um estereótipo, uma vez que este é socialmente reconhecido, estando acima do nível da consciência. Sendo uma variável abaixo do nível da consciência, a expressão do sujeito pronominal poderia ser entendida como indicador ou marcador.

Segundo Paredes Silva (2007), a expressão do sujeito pronominal está sujeita à variação conforme o gênero do discurso, uma vez que em notícias e artigos de opinião, gêneros do domínio jornalístico, há menor frequência de sujeitos ausentes do que em cartas do leitor. Nossos resultados também apontam para a influência da variável estilística, o que faz com que consideremos a variável um marcador linguístico.

Sabemos que a proposta de Bell (1984, 2001) gira em torno da audiência. Assim, torna-se importante que se deem informações sobre os quatro contextos situacionais em que foram gravados nossos dados, tendo, portanto, como foco a audiência. São eles:

(1) assembleia geral estudantil da Ufes de Goiabeiras: neste contexto, havia amigos de mesma força política da falante, oposição política e estudantes da Ufes de Goiabeiras de um modo geral, a universitária faz uso de microfone e fala em um ambiente aberto.

Retomando a proposta de Bell sobre os tipos de audiência, os interlocutores (ouvintes conhecidos, ratificados e dirigidos) são menos frequentes, aparecem na assembleia uma vez que a fala da universitária é destinada para todos os estudantes, não apenas àqueles a quem a emissora deseja atingir. Há, também, ouvintes diretos e indiretos, já que há destinatários conhecidos, relevantes ou não para a situação comunicativa e a quem a falante não dirige sua fala diretamente. Há, ainda, “bisbilhoteiros”/“espiões”, que não são nem mesmo conhecidos.

(2) reunião de uma força política estudantil no *campus* de Goiabeiras: pessoas mais íntimas, que conviviam diariamente com a falante. Cabe ressaltar que, também, havia pessoas mais novas, que tinham acabado de entrar para a força política, sendo, portanto, menos conhecidas, íntimas da falante. A reunião ocorreu em um ambiente fechado.

Pensando nos tipos de audiência de Bell, temos aqui interlocutores e ouvintes diretos, já que a falante conhece a maioria dos participantes, sendo todos relevantes para a situação comunicativa.

(3) reunião de uma força política estudantil no *campus* de Alegre: havia três pessoas que conviviam diariamente com a informante no movimento estudantil em Goiabeiras, mais cinco pessoas desconhecidas e oito pessoas que a falante conhecia, porém que não convivia diariamente. A reunião ocorreu em um lugar em um local aberto.

Da mesma forma que no item anterior, temos aqui interlocutores e ouvintes diretos, já que a falante conhece alguns dos participantes, sendo todos relevantes para a situação comunicativa.

(4) uma conversa informal entre amigos: conversa entre a falante e três amigos, que conviviam, no mínimo, há um ano diariamente: uma amiga, conhecida há três anos e meio, com quem havia feito algumas viagens, passeios e com quem conversava cotidianamente; um amigo, conhecido há dois anos e com quem a falante já havia viajado diversas vezes e com quem conversava também diariamente; um amigo, também conhecido há dois anos, porém com quem tivera mais convívio social apenas no último ano, com quem havia feito diversas atividades estudantis e com quem havia viajado duas vezes. A conversa ocorreu em um lugar fechado.

Diferentemente das situações comunicativas anteriores, nesta a falante está em contato com interlocutores, já que todos são conhecidos, relevantes para a situação comunicativa e a quem sua fala é dirigida.

Conforme postulado por Bell, há maior proximidade física entre a falante e seus destinatários na conversa entre amigos e um maior distanciamento na assembleia de estudantes, estando as duas reuniões num distanciamento intermediário.

Considerando esse postulado, mesmo sendo a expressão do sujeito pronominal uma variável abaixo do nível da consciência do falante, em caso de variação estilística, haveria maior variação na conversa entre amigos e menor na assembleia estudantil. Abaixo, temos os resultados relativos ao efeito da situação comunicativa sobre a expressão do sujeito pronominal.

**Tabela 1- Efeito da variável situação comunicativa sobre a expressão do
sujeito pronominal**

Situação Comunicativa	Sujeito Pronominal Explícito		Peso Relativo
	N	%	
Assembleia geral estudantil da Ufes/Goiabeiras	11/20	55,0	0,199
Reunião de uma força política estudantil no <i>campus</i> Goiabeiras	54/69	78,3	0,509
Reunião de uma força política estudantil no <i>campus</i> de Alegre	196/239	82,07	0,509
Conversa informal entre amigos	26/29	89,7	0,640
Total	287/357	80,2	

Com esses resultados, notamos que a expressão preenchida do sujeito pronominal é modificada a depender da audiência. Acreditamos que, ao falar na assembleia estudantil, a falante faz menos uso do sujeito pronominal expresso (peso relativo de 0,199) devido ao fato de ser menos familiarizada com os estudantes que compunham o público da assembleia, isto é, a audiência era menos conhecida, mais diversa e mais numerosa. Além disso, em tal ocasião a universitária falou em um microfone, fator esse que mostra um distanciamento maior entre a falante e sua audiência.

Nas reuniões da força política estudantil da qual a falante fazia parte, há um uso neutro ou intermediário (peso relativo de 0,509) de sujeitos pronominais expressos. Em tal situação comunicativa, o público é mais próximo, mais íntimo, porém havia pessoas pouco conhecidas, com quem a falante tinha pouco contato, além de terem ocorrido em locais abertos.

Na conversa com os amigos, a falante faz mais uso de sujeitos pronominais preenchidos (peso relativo de 0,640). Ressaltamos que a audiência é muito íntima e fisicamente próxima à falante e a situação comunicativa se dá na casa de um dos interlocutores.

Outra variável analisada foi a pessoa discurso. Segundo Duarte (1995), o PB perde sua característica de língua de sujeito nulo à medida que há simplificação de seu paradigma flexional. Dessa forma, seria possível que a falante universitária expressasse mais o sujeito pronominal em casos em que não houvesse marca morfológica verbal correspondente.

É importante considerar, entretanto, que não analisamos a ambiguidade morfológica, fator relevante para a discussão sobre o uso de sujeitos pronominais, uma vez que seu uso explícito pode servir para evitar a ambiguidade entre formas de 1ª pessoa e 3ª pessoa do singular de verbos no pretérito imperfeito e presente, por exemplo. Cabe ressaltar que essa variável não é, no momento, foco da presente análise, apesar de já ter sido destacada pela tradição gramatical e por linguistas como Paredes Silva (1988), como uma das responsáveis para o uso do sujeito pronominal explícito.

Conforme assinalado por Duarte sobre a simplificação do paradigma flexional, cabe ressaltar que houve, em nossos dados, somente uma vez, uso do pronome “nós”, mesmo assim, na expressão “tamo aí”. Destacamos que esse dado foi retirado de nossa análise quantitativa, inclusive por haver dúvida se seria um caso de variação ou uma expressão cristalizada.

A seguir, temos a tabela relativa ao efeito dos pronomes pessoais sobre a expressão do sujeito pronominal.

Tabela 2: Efeito da variável pronome sobre a expressão do sujeito pronominal

Pronome	Número De Dados	Percentual	Peso Relativo
Eu	93/113	85,0	0,523
Você	14/16	87,57	0,578
Ele, ela	28/45	62,2	0,268
A gente	111/125	88,8	0,656
Vocês	9/14	54,3	0,266
Eles/elas	29/44	65,9	0,302
Total	287/357	80,4	

Diferentemente de nossa hipótese inicial, observamos que a primeira pessoa do singular apresenta um valor um pouco acima de 0,50 (exatamente 0,523), sendo, portanto, possível de ser considerada uma forma que favorece relativamente o preenchimento do sujeito.

Observamos, também, que há três pronomes pessoais que usam a forma verbal de terceira pessoa do singular [e que apresentam efeitos diversos]: a própria terceira pessoa (*ele/ela*), que desfavorece o sujeito preenchido (0,270); a segunda pessoa, sob a forma do pronome *você*, que o favorece (0,542); e a primeira pessoa do plural, sob a forma do pronome *a gente*, que é a que mais favorece o uso preenchido do sujeito pronominal (0,659).

Considerando o foco de nossa análise, podemos levantar a hipótese de que o preenchimento do sujeito pronominal pode estar associado à necessidade do falante em se aproximar ou não de seu interlocutor. Dessa forma, em situações comunicativas de maior proximidade física e, portanto, conforme Bell (1984), uma relação mais próxima entre emissor e audiência, haveria maior preenchimento do sujeito pronominal. Com isso, podemos supor que o uso dos pronomes *a gente*, *você* e *eu* serviria para que a falante se colocasse ao lado dos estudantes, seus companheiros de luta. Há, inclusive, uma oposição marcada entre, por um lado, a primeira pessoa – singular e plural -[0,526/0,659] e a segunda do singular [0,542], e, por outro, a terceira [0,270/0,304], seja esta do singular ou do plural, estas desfavorecedoras do uso explícito do sujeito pronominal.

É importante destacar que as formas verbais de terceira pessoa do plural, sejam relativas à segunda ou à terceira pessoa do discurso, desfavorecem a presença do sujeito pronominal. Uma hipótese seria a de que essa seria uma forma de distanciamento do discurso, em que a falante se mostraria mais distante de sua audiência. No caso específico de *vocês*, seria uma forma da universitária fazer uma oposição entre sua perspectiva política e a dos demais participantes das situações comunicativas. Entretanto, para uma melhor avaliação dessa hipótese, haveria necessidade de retorno aos dados e realização de uma análise mais qualitativa.

Considerações Finais

O presente estudo pretendeu contribuir para o enriquecimento de pesquisas cujo foco seja a variação estilística. Apesar de pouco explorado no Brasil, o estilo vem sendo paulatinamente pautado nas pesquisas variacionistas. Destacamos os trabalhos reunidos por Gorski, Coelho e Nunes de Souza (2014) que tratam de diferentes fenômenos analisados a partir do estilo. Também há outros trabalhos sobre variação estilística, como o de Eduardo

Santos (2004) sobre atitudes linguísticas de um líder de uma comunidade quilombola do Rio Grande do Sul e o de Rafaela Mariano (2010) sobre fatores estilísticos na fala de um rapper.

No Espírito Santo, dois trabalhos focalizaram o estilo: o de Elaine Cristina Borges de Souza (2017), sobre concordância nominal, tendo como base a proposta de A. Bell, e o de Juliana Rangel Scardua, sobre o mesmo tema, mas ancorado na proposta denominada árvore da decisão W. Labov. É importante destacar que estas duas pesquisas tratam de uma variável classificada como estereótipo, estando no nível da consciência do falante, sendo, portanto, objeto de comentários sociais explícitos.

A variável aqui analisada, a expressão do sujeito pronominal, é abaixo do nível da consciência do falante, não sendo, portanto, objeto de comentários ou avaliação explícitos. Entretanto, é passível de estratificação social, conforme apontado em nossa pesquisa. Observamos que quanto mais próxima é a audiência, maior presença do sujeito expresso.

Este estudo possibilita, também, uma continuidade para possíveis análises mais detalhadas, observando, por exemplo, os tipos de orações, a ambiguidade, a ênfase, a conexão discursiva, o paralelismo e os tópicos do discurso.

Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. Ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELL, A. *Language style as audience design*. *Language in Society*. 13 (2), 1984. p. 145-204.

CAMACHO, R.G. *Sociolinguística: Parte II*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol.1. 9 ed.rev.- São Paulo: Cortez, 2012. P. 51- 84.

COELHO, I. L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

DUARTE, M. E. L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: ROBERTS, I., KATO, M. A.(orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP. 1993, p.107-128.

_____. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese de doutorado, Campinas, Unicamp, 1995.

_____. *A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos*. In: DUARTE, M.E.L.; PAIVA, M, C (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2003.

GORSKI, Edair; VALLE, Carla Regina M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GORSKI, Edair; COELHO, Izete L.; NUNES DE SOUZA, Christiane M. (Orgs) *Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis, Insular, 2014, p. 67-92.

GUY, G.; ZILLES, A. M. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo, Parábola, 2007.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola, 2008 [1972].

_____. *The anatomy of style-shifting*. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Eds). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 85-108.

MARIANO, R. D. Análise dos fatores estilísticos envolvidos na fala de um rapper em diferentes situações comunicativas. *Língua, literatura e ensino*, vol. V, 2010. Disponível em revistas.iel.unicamp.br/index.php/le/issue/view/4. Acesso em 15/07/2017.

PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutorado, 1988.

_____. *Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da fala e da escrita*. *Linguística (PPGL/UFRJ)*, v. 3, p. 161-179, 2007a.

_____. *O uso de anáfora zero em textos jornalísticos*. In: *Cadernos de pesquisa em linguística*. Porto Alegre, Vol. 3, nº1, p. 52-61b, 2007b.

ROCHA LIMA, C.H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. Ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref.

SANTOS, E. F. *Do falar quilombola à fala vaquejada: um estudo de variação estilística*. Porto Alegre, UFRGS, Mestrado em Estudos da Linguagem. Dissertação de Mestrado, 2004. 149p.

SCARDUA, J. R. *O papel da mudança estilística na concordância nominal variável: integração entre dois métodos de coleta de dados*. Comunicação apresentada no X Congresso Internacional da Abralín, 2017.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto, 2003, p. 147-178.

SOUZA, E. C. B. de. *Análise da variação estilística na concordância nominal de número de uma falante pouco escolarizada*. Vitória, Instituto Federal do Espírito Santo. Trabalho de Conclusão de Curso, 2017.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

Artigo recebido em: 20/04/2017.
Artigo aceito em: 17/07/2017.
Artigo publicado em: 20/07/2017.